

# A classe média volta às aulas, à sua moda

*Os caçulas são os primeiros a perder o privilégio de estudar na rede particular*

Sandra Aguiar

Às vésperas da volta às aulas, Erasmo Veríssimo de Castro Neto, 14 anos, vive um tipo de expectativa semelhante a dos vestibulandos em dias de exame. Caçula de uma família de quatro irmãos, ele deixa para trás o ensino particular para encerrar uma cadeira da oitava série numa escola pública. “Eu não estou gostando da mudança”, diz, receoso do que possa acontecer durante o ano.

E não é a toa. Embora a Fundação Educacional do DF ainda não disponha de números oficiais correspondentes à evasão das escolas particulares para as públicas, dados históricos do órgão dão conta de que 27 mil novos alunos ingressarão este ano na rede de ensino do governo. Um fenômeno que não chega a ser tão assustador, considerando principalmente a explosão que houve em 1991, a maior dos últimos 16 anos, quando de cada dez alunos matriculados em toda a rede de ensino do Distrito Federal, oito pertenciam à escola pública.

A mãe de Erasmo, Edna Souza Costa Pinto, conta que já teve experiência parecida com os outros filhos e que acabou se frustrando com a qualidade do ensino da rede pública. Ao tomar novamente a mesma decisão, pesou o orçamento da família, que ficaria seriamente afetado em caso de aumento de mensalidade. Ela preferiu não correr o risco. Para a bancária Edna Souza, hoje tirar o filho da escola particular é uma forma de pressão contra o alto custo deste ensino. “Se a gente compactuar com isso, a situação só tende a piorar”, comenta.

Edna não poupa elogios à escola particular e se contenta com o fato de poder planejar para o próximo ano o retorno do filho ao Colégio Objetivo. Na sua opinião, a antiga escola lhe deu a base necessária para encarar a nova situação “independente do que surgir agora”. Se ele nunca foi um aluno “extraordinário”, como diz, também não foi dos piores. E está disposta a acompanhar de perto o desenrolar dos acontecimentos, na



César: a evasão não me surpreendeu

figura de cobradora da escola. A bancária diz que ainda falta muito até que a escola pública apresente alguma melhora de nível — “não tem material didático suficiente, falta até profissionalismo” —, mesmo assim foi a opção que lhe restou dentro da sua escala de valores, na qual morar e comer ainda são as prioridades.

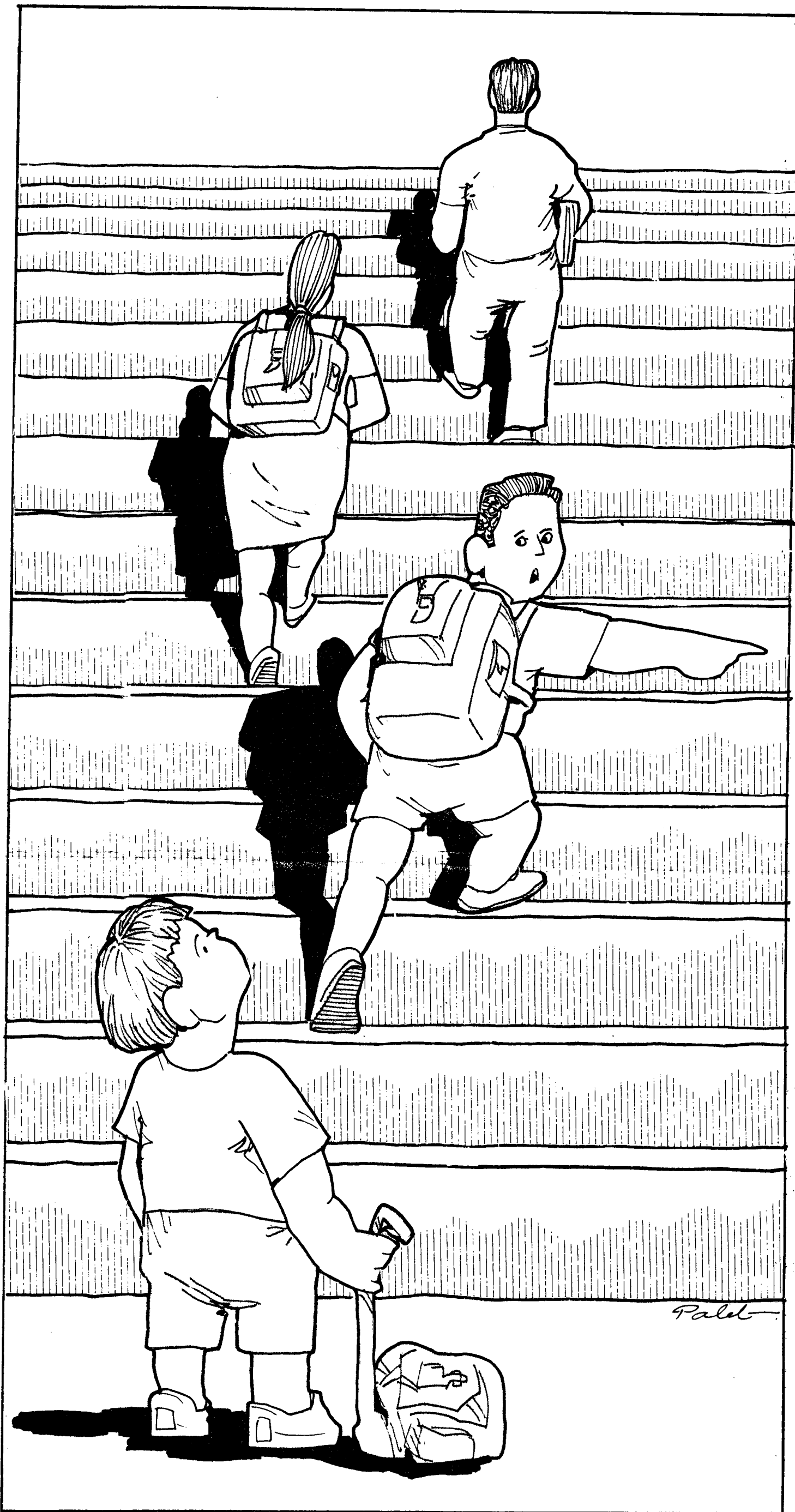
**Choradeira** — O diretor do Colégio Objetivo, Thomas de Oliveira César, revela que não se surpreendeu com o grau de evasão. “Eu pensei que fosse maior”, diz. Ele notou que a diminuição da procura por vagas ocorreu de forma mais significativa na pré-escola. O que traduz, na sua opinião, o tipo de escolha que os pais com mais de três filhos na escola particular faz para tentar conter a sua despesa: “Quase sempre o filho mais novo é o sacrificado”.

Com a crise, está de volta o fenômeno antigo de colocar as crianças mais tarde na escola, com três anos ou três anos e meio, e não mais com um ano. Crianças em períodos mais adiantados, no primeiro e segundo Graus, segundo ele, não foram tão atingidos. E mesmo os pais que deixam mais de um filho matriculado na rede particular têm feito a maior choradeira para obter algum tipo de desconto. Dependendo da escola, o desconto pode chegar a 30 por cento para um dos filhos. Sim, porque os outros recebem reduções menores.

A choradeira é maior, segundo o diretor, nesta época do ano, pós-festas, férias e vestibular. Mas durante o ano letivo de 1991, ele diz que muitos pais revelaram suas dificuldades em bancar as mensalidades. “Muita gente não pagou na data e pediu um prazo maior para atualizar a dívida, sem ter que contar com juros”, lembra, acrescentando que a escola procurou atendê-los, desde que comprovassem a dificuldade. Dos que reclamaram, mil e 600 conseguiram descontos.

A professora Guiomar Pimentel, da Escola Classe 308 Sul, confirma a tese de que são mesmo os caçulas que acabam parando primeiro na rede pública. Embora a procura tenha sido grande para todas as séries, o boom ocorreu em relação aos alunos mais novos. A escola teve até que aumentar uma turma do pré.

Mesmo para uma cidade que sempre se orgulhou de possuir um ensino público de qualidade, a crise econômica é que tem empurrado para a contramão as famílias mais abastadas.



Paled